

PROFESSORES ELEGEM NOVA DIRETORIA DA APROPUC NESTA SEMANA

Os professores da PUC-SP associados à APROPUC elegerão a nova diretoria da entidade, entre os dias 14 e 18/6. A comissão eleitoral registrou somente uma candidatura: *Resistência, Resistência, Resistência...*, presidida pela atual diretora da entidade, Bia Abramides, que concorre como chapa única à renovação da entidade (veja nesta edição a chapa completa).

A chapa *Resistência, Resistência, Resistência...* tem como principais pontos de programa a defesa do funcionamento democrático da entidade e o respeito à soberania das assembleias dos professores. A defesa dos salários, contratos por tempo de trabalho e a melhoria das condições do ensino, bem como a luta pela autonomia da universidade e os procedimentos democráticos em todas as atividades e instâncias também fazem parte da plataforma. Do ponto de vista da sociedade, a principal luta é

pela defesa do ensino público, gratuito, presencial, laico e de qualidade em todos os níveis, além da luta contra as reformas neoliberais e a retirada de conquistas e direitos dos professores e dos trabalhadores. Além disso, o grupo alinha-se pela defesa das liberdades democráticas, especialmente de expressão, de reunião, de organização e de manifestação dos trabalhadores com ampliação das conquistas sociais.

Nesta edição publicamos nas páginas 4 e 5 a íntegra do programa da Chapa 1, assim como os locais e dias de votação (veja relação ao lado). A participação dos associados neste processo é de extrema importância, em num momento em que os professores da PUC-SP são submetidos a um acordo individual por parte da Fundação São Paulo e Reitoria, que tenta descaracterizar a luta histórica da categoria por melhores condições de trabalho e salário.

LOCAIS E HORÁRIOS DE VOTAÇÃO

SEDE DA APROPUC - Rua Bartira, 407

Dias 14, 16, 17 de junho - das 8:00 horas às 21:00 horas e
Dias 15 e 18 de junho - das 8:00 horas às 12:00 horas

CAMPUS MONTE ALEGRE

Dias 14, 16, 17 de junho - das 8:00 horas às 21:00 horas e
Dias 15 e 18 de junho - das 8:00 horas às 12:00 horas

PRÉDIO VELHO : (urna na Recepção em frente a A.C.I.)

Faculdades de Ciências Sociais, Ciências Humanas e da Saúde, de Educação e Departamento de Teologia

PRÉDIO NOVO (urna no Saguão térreo ao lado da xérox)

Faculdades de Direito e Economia e Administração

CORREDOR DA CARDOSO (urna na Recepção da FAFICLA)

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

MARQUÊS DE PARANAGUÁ (Secretaria da Graduação)

Dias 14, 16, 17 de junho de 2010 das 8:00 horas às 21:00 horas e
Dias 15 e 18 de junho de 2010 das 8:00 horas às 12:00 horas
Ciência Computação, Eng. Elétrica, Física, Matemática, Tecnologia e M. Digitais

CAMPUS DERCIC (urna na Secretaria do Campus)

Dias 14, 16, 17 de junho de 2010 das 8:00 horas às 18:00 horas e
Dias 15 e 18 de junho de 2010 das 8:00 horas às 12:00 horas
Fonoaudiologia e Clínica

CAMPUS SOROCABA (urna na Secretaria do Campus)

Dias 14, 16, 17 de junho de 2010 das 8:00 horas às 21:00 horas e
Dias 15 e 18 de junho de 2010 das 8:00 horas às 12:00 horas
Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde

PROFESSOR,

PARTICIPE DO PROCESSO ELEITORAL DA APROPUC

VOTAÇÃO DE 14 A 18/06/2010

PUC EM MOVIMENTO

PUC-SP na Paulista: expansão ou mercantilização?

A notícia correu com grande insistência na mídia impressa nos últimos dias: a PUC-SP seria sócia de um grupo de investidores que comprou o complexo de prédios do Hospital Matarazzo, na região da Avenida Paulista, um dos m² mais caros do país. Segundo o jornal *O Estado de S.Paulo*, do dia 1/6, um terço da área (com cerca de 27.000 m²) abrigará um campus da PUC, onde serão desenvolvidas "atividades culturais" e possivelmente cursos universitários. O restante será explorado comercialmente, com a possibilidade de implementações comerciais e escritórios. No dia 9/6 a *Folha de S.Paulo* revelou que o grupo em questão seria o WWI, um conglomerado desconhecido, com capital originário dos Emirados Árabes Unidos. Esse grupo estaria disposto a construir ao lado do complexo de edifícios do antigo hospital uma torre que serviria como hotel, ficando o imóvel dividido entre as atividades da PUC-SP e um centro comercial.

A notícia causou revolta em boa parte da comunidade pelo desconhecimento de todos a respeito das tratativas. Bia Abramides, diretora da APROPUC, declarou ao *Estado de S.Paulo*, sua surpresa quanto à aquisição, uma vez que a PUC-SP ainda deve os atrasados de 2005 aos docentes.

DESMENTIDOS

Nos dias que se seguiram à divulgação da notí-

cia, tanto a Reitoria como a Fundação São Paulo trataram de dar versões diferentes daquelas noticiadas pela mídia. Em nota conjunta, publicada no site da PUC-SP, no dia 2/6, a Fundação São Paulo e a Reitoria negavam a aquisição do imóvel pela universidade, mas admitiam que a PUC-SP participou de tratativas para integrar a universidade ao projeto, desde que eles não acarretassem ônus para a universidade.

Já o cardeal D. Odilo Scherer, também divulgou no site da PUC-SP, no dia 6/6, uma nota onde afirmava que o reitor Dirceu de Mello era o único gestor que manteve contatos com o grupo e que apresentará oportunamente aos órgãos competentes da universidade as propostas que lhe foram oferecidas. O professor Dirceu declarou, então, que a PUC-SP seria apenas inquilina do novo empreendimento e que já havia realizado uma reunião com a associação dos moradores da região, que concordaram com os planos que a universidade tinha para o empreendimento.

A *Folha de S.Paulo* continua investigando o assunto colocando em confronto a Fundação e a Reitoria. Segundo o jornal, a Fundação desaprovou a negociação temendo que a PUC-SP sirva de biombo para uma operação de lavagem de dinheiro e fez inclusive a recomendação para que o reitor desfaça o negócio.

MERCANTILIZAÇÃO

Não deixa de ser preocupante que a universidade arque com quantias vultuosas para aquisição de outros prédios, quando ainda existem dívidas com seus docentes que tramitam pela Justiça do Trabalho. Porém, o que pouco foi discutido é o caráter da instalação de um novo campus da universidade dentro de um centro comercial.

A tendência de instalação de campi universitários dentro ou nas imediações de shopping centers ou centros comerciais tem aumentado nos últimos anos. A revista *Isto É* divulgou reportagem na sua edição de abril de 2010, anunciando que hoje cerca de 16 instituições de ensino, quatro em São Paulo, tinham seus campi dentro de shoppings.

Essa postura descaracteriza sobremaneira a função social de uma instituição de ensino, prestando-se principalmente a satisfazer os desígnios do siste-

ma capitalista. Entrevistado pela revista, o professor José Rodrigues, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, afirmou que que esses locais não são adequados ao estudo, pois empobrecem a vida intelectual. "Em campi como os das universidades públicas, você tem um tipo de vida acadêmica que ultrapassa a sala de aula", diz. "Em um ambiente como o de um shopping isso não é possível, pois só há lojas."

Na década de 90, a instalação de bancos no subsolo do campus Monte Alegre causou uma série de protestos por parte da comunidade, que via a universidade transformada em um centro comercial. O local passou a ser chamado de "Avenida Paulista", em função do número elevado de bancos ali existentes, que passaram para a parte externa por questões de segurança.

Reitoria e Fundação se pronunciam no Consad

O reitor Dirceu de Mello e o secretário Executivo da Fundação São Paulo se pronunciaram no início do Consad do dia 10/6 sobre a polêmica compra do Hospital Humberto Primo.

Segundo o reitor, a PUC-SP iniciou tratativas com a empresa que comprou o terreno, mas

que a negociação será encaminhada por todos os conselhos da universidade seguindo tramitação normal. Padre Rodolpho falou que não existe atrito entre Fundação e Reitoria e "as notas que soltamos expressam absolutamente o que as autoridades da PUC e Fundação SP pensam".

Para Téia Pires Serio

estamos sentadas no banco do ipê amarelo
 numa conversa não-profissional, não-acadêmica
 duas memórias se sentam num banco só
 agitam as folhas secas de uma árvore comum
 34 anos ou mais se entrelaçaram,
 a maturidade de um universo
 decompõe-se em processo
 mas o banco já permite ver toda a finalidade e muitos
 começos.

Téia, eu tinha admiração por Tragtenberg no colégio, nem
 sabia direito quem ele era

Téia, você me deslumbrou na primeira aula
 eu não sabia o que era ciência, metodologia cien-
 tífica... relevância social, científica... neutralidade científi-
 ca... por sua causa fui estudar textos mais árduos,
 comprometidos, críticos, junto a todos do Ciclo Básico...

Tá aí, você já abre esse sorrisão e abre outra folha

Marília, você se lembra da reunião para prever o que a
 tropa aí fora ia aprontar
 e nós ficamos uma manhã inteira na lousa e, entre
 tantas alternativas, não previmos a invasão no dia seguinte...

Pois é, tivemos que tirar a roupa no brucutu para a polí-
 cia feminina comprovar se poderíamos ou não entrar na
 PUC e não sabíamos se iríamos sair.

É sim, uns 50 professores conseguiram entrar, umas 7 da
 manhã, e aqui dentro era nosso espaço. A lousa podia
 abrigar qualquer idéia, que ia sendo alterada pela discus-
 são e votada por todos.

Mas, Téia, o que eu nunca te contei, nessa correria da
 vida, é que no dia seguinte, durante a invasão, eu vi você

enfrentando um policial, numa sala do prédio velho e seu
 marido tentando proteger você, que estava grávida. e ele
 levando cacetada nas costas. Eu aflita, num andar do pré-
 dio novo, vendo essa cena e gritando para esse policial
 parar, inutilmente. Mas deu para cumprir nossa combi-
 nação de não perder as pastas com a Atividade 7, que os
 alunos fizeram naquela noite. Nunca tivemos tempo de
 contar o que vimos naquele momento, de dura repressão
 que espargia fumaça vermelha, suficiente para anos de lu-
 tas que empreendemos para dissipá-la.

Taí, eu pego outra folha e tento dizer que, além
 de meu pai, você mostrou o espelho de luz a acender. Por
 sorte, não sucumbimos àquela noite e pude viver décadas
 junto a você e admiráveis colegas na PUC e, se hoje vive-
 mos este momento, como se pudéssemos somente colher
 folhas secas...

minha memória sempre revela o seu sorriso e seu aplauso
 no meu desabafo diante da demissão dos professores. Sem
 dizer uma palavra, entre os que ouviam, como uma sim-
 ples pessoa que ouve, avalia e se posiciona. Nada de eufo-
 rias, muita seriedade, mas muita sensibilidade em atender
 à atenção.

Taí, você abre esse sorrisão e abre outra folha

Marília, eu não sei você, mas eu vou continuar
 aqui, em meio a estas folhas que têm origem numa hiber-
 nação. Quero ver no que vai dar a primavera; você sabe
 que esta é uma árvore vulnerável, quase extinta...e este é
 um excelente ponto de observação. No lado da crença,
 diz-se que seu florescimento indica que não virão geadas.

Eu sei, Téia, sei aonde você sempre estará, apon-
 tando as vulnerabilidades em cada processo que leve a
 importância de se florir.

Marília Pardini é ex-professora da Faculdade de Serviço Social

A estratégia Goebbels

Franklin Goldgrub

Como seria de se espe-
 rar, o episódio do Mavi
 Mármara suscitou a habi-
 tual onda - de proporções
 tsunâmicas - contra Israel.

O **PUCviva**, mais uma
 vez, se associou à demoni-
 zação, deixando de lado
 todas as evidências que
 mostram o contrário do
 que a mídia alardeou.

Entretanto, os fatos - e
 às vezes os próprios atores -
 desmentem flagrantemente
 as análises dos demoniza-
 dores de praxe. Vídeos, de-

poimentos (não só dos
 comandos, mas dos pró-
 prios tripulantes e organi-
 zadores da "viagem"), fo-
 tos de uma agência turca
 (totalmente insuspeita,
 portanto), bem como a
 constatação de que todas
 as outras embarcações da
 flotilha foram dirigidas pa-
 cificamente a Ashdod e,
 depois de examinadas,
 suas cargas encaminhadas
 a Gaza, mostram que o
 "massacre" do Mavi Már-
 mara é o massacre, agora
 sem aspas, da verdade.

A constância com que

essa distorção imensa da
 realidade no Oriente Mé-
 dio é veiculada por parte
 da grande mídia e da sua
 escolta (quem diria...) re-
 pete, em relação a Israel, o
 procedimento que Goeb-
 bels consagrou com sua fa-
 mosa frase sobre a estra-
 tégia de repetir uma men-
 tira mil vezes para que ela
 se transforme em verdade.

É lamentável que certa
 esquerda (merecedora do
 qualificativo feudal) con-
 tinue tomando o partido
 de genocidas confessos,
 caso de Ahmadinejad, e

de seus novos aliados,
 como Erdogan, tortura-
 dores e assassinos de dis-
 sidentes, de minorias (ét-
 nicas, religiosas, sexuais),
 fraudadores de eleições,
 encobridores de genocídi-
 os, como o dos armêni-
 os, e que, se ainda não bas-
 tasse, posam de defenso-
 res de direitos humanos.

Dize-me com quem
 andas...

*Franklin Goldgrub é pro-
 fessor do Curso de Psico-
 logia da Faculdade de Ciên-
 cias Humanas e Saúde*

Eleições da APROPUC – Biênio 2010/2012

Carta Programa – Chapa 1

RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA...

Professor(a)

Mais uma vez teremos eleições para a diretoria da Apropuc em condições difíceis. Estamos nos referindo ao choque entre a Associação e a Fundação São Paulo/Reitoria em torno da violação do dissídio coletivo. Tal choque se configura sob uma aparente modernização estrutural e normativa – implantação do Redesenho Institucional, novos Estatutos e novo Regimento. Mas justamente nos momentos traumáticos é quando se testa a firmeza trabalhista e política da direção sindical.

Não é papel de nossa associação e de seus diretores nadar a favor da corrente. O fato é que não escolhemos as águas que vamos enfrentar. Há muito não nos deparamos nem com a correnteza a favor, nem com a calmaria. Nesse transcurso acidentado, testamos o programa e a firmeza coletiva da diretoria. Há aspectos do programa que são essenciais e alguns, secundários. Com a mudança da realidade, alguns podem caducar e outros devem ser incorporados.

Por exemplo, no processo da crise, a diretoria teve de “negociar” com a Fundação mudanças no Acordo Interno. Trabalhamos por mobilizar os professores, convocando reuniões, assembleias, organizando grupo de estudo e divulgando cada passo da negociação. Chegamos a um ponto em que não pudemos afastar a “faca” patronal do nosso pescoço. Para conservar parte das conquistas específicas aos professores da PUC, assinamos, a contragosto, o acordo 2009, na esperança de reconquistar, no futuro, as perdas. Acreditem, foi-nos muito difícil esse gesto, em nome de uma coletividade desmobilizada.

Há colega que acredita que isso é exercer a representatividade. Nós, não! Fomos obrigados a exercer nosso dever sindical sem ter o solo para apoiar a planta dos pés. Tal acontecimento fez parte do enorme refluxo que o movimento docente sofreu ao não resistir devidamente à intervenção da Fundação e às demissões em massa. Mas a Apropuc cumpriu a sua parte rechaçando a via dos cortes e do rebaixamento salarial.

Pode-se ainda ir mais para trás. Os colegas vão se deparar com o processo de confecção do plano de maximização da jornada de trabalho. Tivemos uma perda irreparável. O aumento da carga horária quebrou um dos paradigmas das condições do exercício de docência da PUC – diferencial inclusive reconhecido entre os professores das universidades mercantis. A “maximização” dos contratos de trabalho, que deveria vigorar somente no ano de 2006, continua sendo aplicada e sem qualquer perspectiva de que venha a ser suspensa em futuro próximo. Se, em toda a nossa história, lutamos por salários iguais para trabalhos iguais, agora nos defrontamos com este ineditismo: mais de uma tabela salarial. Em geral, quando não se resiste, a pior das duas termina por prevalecer. A diretoria da Apropuc lutou o quanto pode para não tornar o professor “burro de carga” e as aulas um tormento de cada dia. Não obstante, havia uma atmosfera de sujeição e de crença que o Conselho Universitário faria o melhor. Perdemos. Botamos nas costas um andar com pesos santos. E prosseguimos, com a convicção de muitos professores de que não havia outra saída. Assim, sem luta, sem movimento coletivo, indivi-

dualizados, arcamos com o saneamento mercantil.

Não entremos em detalhes sobre a reforma dos Estatutos, o chamado Redesenho Institucional. Assinalamos apenas que provocou um retrocesso na democracia universitária e uma mudança política em favor do saneamento antitrabalhista. Como os colegas podem ver, não havia o que negociar. Tratou-se de um processo imposto de cima para baixo, ou coletivamente resistíamos, pelo menos para por limites às reformas mercantis, ou deixaríamos o processo avançar livremente.

A Apropuc foi e é uma trincheira de resistência. Em uma situação extremamente difícil, sua diretoria foi firme e não se omitiu. Lutou em campo aberto, ignorando conversas de corredores que, por diversas vezes, lhe atribuíam uma atitude exatamente oposta à que havia assumido. Dois dias antes de se encerrar um prazo de cinco anos para negociações que tentamos e não ocorreram, tomamos a iniciativa de prorrogá-lo, no que fomos bem sucedidos. Imagine-se o que os mesmos que nos acusam de intransigentes não murmurariam a nosso respeito se capitulássemos em relação aos direitos trabalhistas dos professores! Estamos tranquilos, firmes e dispostos a discutir nossas posições em todos os espaços desta universidade.

Escrevemos esta carta aos professores convencidos de que estamos sendo francos e expostos a julgamento político. Eis por que é preciso argumentar contra os adversários que dificilmente têm rosto público, participativo e que se dispõem a solucionar a questão da representatividade.

Na democracia formal, elegem-se os representantes; os representados apenas aguardam os resultados, que geralmente são contra seus próprios interesses. Na democracia sindical, elege-se a diretoria que, para representar os trabalhadores, depende da assembleia. Bem entendido, recorremos à decisão de assembleia quando a questão atinge os interesses coletivos. As burocracias tornam as eleições formais quando desconhecem as assembleias e decidem por conta própria. Geralmente, agem assim porque estão contrariando os interesses coletivos. Esse tipo de “representatividade” tem apoio patronal.

Talvez, a Apropuc seja uma das poucas ilhas no mar de pelegos em nosso sindicalismo. Nenhuma decisão importante é tomada sem o conhecimento, sem a mobilização das bases e sem a assembléia. A liberdade de expressão é irrestrita, como comprova o **PUCViva**. Se os professores – filiados e não filiados – viessem à assembleia e votassem que a Apropuc assinasse um acordo de perda de 40% da dívida de dissídio e de expurgo de 6,66% do índice de reajuste, então, a contragosto, a diretoria iria encaminhar a decisão coletiva. Seria um desastre provocado pelos passageiros e não pelo condutor que fez de tudo para evitá-lo. Isso é representatividade social. O individual não se superpõe ao coletivo; o direito coletivo está acima do direito individual.

Uma diretoria fraudada a natureza de sua associação quando dissolve o coletivo no individual e apresenta essa transmutação como se fosse a vontade geral. Assim, concebemos a democracia sindical como um princípio e não como uma contingência de momento.

Esta carta coloca concretamente as bases de nosso programa. A experiência dos trabalhadores com a direção sindical eleita deve ser avaliada tendo em vista o cumprimento do programa. Na democracia formal, o representante eleito põe de volta na gaveta o programa que lhe serviu para arrebatar votos. Na democracia social, o representante, a todo instante, põe em prática o programa para os próprios representados o concretizarem segundo sua compreensão e força na luta.

Professor(a), mantivemos nossa chapa, acrescida de novos companheiros, defendendo o princípio da representatividade baseada nas decisões coletivas, nas formas de luta próprias dos assalariados e na defesa intransigente das necessidades trabalhistas e educacionais dos docentes. Esperamos que compartilhem conosco esse princípio.

Resistiremos !

Nossa CHAPA

RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA...

assume os seguintes compromissos:

NA APROPUC:

1. Defender o funcionamento democrático da entidade e o respeito à soberania das assembleias dos professores.
2. Defender a transparência e o zelo de todas as atividades administrativas e financeiras da associação.
3. Defender o fortalecimento dos mecanismos de participação dos professores na entidade, a criação de comissões específicas e a constituição de um Conselho de Representantes.
4. Realizar campanhas de filiação junto aos professores nos departamentos e estimular a utilização da sede pelos associados.
5. Aprimorar os canais de divulgação e comunicação da entidade e assegurar o bom funcionamento do jornal **PUCViva**, do site da Apropuc e das revistas **PUCViva** e **Cultura Crítica**.

NA UNIVERSIDADE:

6. Defender os salários, os contratos por tempo de trabalho e a melhoria das condições do ensino. Salário igual para trabalho igual.
7. Lutar por um Acordo Interno que garanta direitos, conquistas e a dignidade de trabalho aos professores.
8. Lutar pela melhoria das instalações, dos equipamentos e da infra-estrutura da Universidade, atualmente em situação precária em várias unidades.
9. Defender a autonomia da Universidade e os procedimentos democráticos em todas as atividades e instâncias.
10. Defender a unidade de ação dos três segmentos da Universidade: professores, funcionários e estudantes.
11. Defender a articulação entre ensino, pesquisa e extensão; a unidade da teoria e da prática e a geração do conheci-

mento ligado à produção social e às necessidades e transformações da sociedade.

12. Combater as políticas privatistas e elitistas do ensino e defender a função social e comunitária da Universidade.

NA SOCIEDADE:

13. Defender o ensino público, gratuito, presencial, laico e de qualidade em todos os níveis.
14. Defender a inserção da Apropuc no movimento social dos professores e nas lutas gerais dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho.
15. Lutar contra as reformas neoliberais – trabalhista, sindical, previdenciária, do ensino superior – e a retirada de conquistas e direitos dos professores e dos trabalhadores.
16. Apoiar os movimentos sociais em defesa da reforma agrária, moradia, educação e saúde.
17. Lutar contra o desemprego, a “flexibilização” da legislação trabalhista e a demissão imotivada dos trabalhadores.
18. Defender o direito de greve e o fim da legislação repressiva e restritiva às lutas dos trabalhadores.
19. Defender as liberdades democráticas, especialmente de expressão, de reunião, de organização e de manifestação dos trabalhadores com ampliação das conquistas sociais.
20. Repudiar veementemente a discriminação e a opressão de classe, gênero, raça, etnia e orientação sexual, assim como todo tipo de censura e de violência, privada e estatal.
21. Solidarizar-se com as lutas pela autodeterminação dos povos.
22. Repudiar e denunciar todas as formas de exploração e de opressão; apoiar as lutas por uma sociedade justa, igualitária, livre e democrática.

CHAPA 1

"RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, RESISTÊNCIA..."

DIRETORIA

Presidente: **Maria Beatriz Costa Abramides (Serv. Social)**
 Vice-presidente: **Victoria Claire Weischtordt (Letras-Inglês)**
 1º Secretária: **Priscilla Cornalbas (Educação)**
 2º Secretário: **Leonardo Massud (Direito)**
 1ª Tesoureira: **João Batista Teixeira (Letras-Inglês)**
 2ª Tesoureira: **Sandra Gagliardi Sanchez (Psicologia)**

SUPLENTES

1º - **Wagner Wuo (Física)**
 2º - **Berenice Pompilio (Letras-Francês)**
 3º - **Maria Lúcia Barroco (Pós-Serv. Social)**

Comissão de Cultura

1 - **Lúcio Flávio R. Almeida (Ciências Sociais)**

MOVIMENTOS SOCIAIS

Fundada a nova Central Sindical

Entre os dias 5 e 6/6, na cidade de Santos, litoral de São Paulo, ocorreu o Conclat - Congresso da Classe Trabalhadora, organizado e convocado pela Conlutas, Intersindical, MTST, MAS, MTL e Pastoral Operária. As organizadoras são centrais sindicais que se formaram a partir da ruptura com a CUT, governista e estatista, e por movimentos populares classistas e em oposição ao governo Lula. O Conclat contou com a presença de 4000 participantes, sendo 3180 delegados, representantes da base dos sindicatos de 3 milhões de trabalhadores.

Em meio a diversas polêmicas, entre elas o caráter, a natureza, a composição e a direção, foi fundada a Conlutas-Intersindical Central Sindical e Popular, que reúne as centrais sindicais e os movimentos populares. A escolha do nome foi o ápice da divergência entre os setores, foi defendido, principalmente, pelos delegados da Conlutas, que acreditam que a denominação representa as duas principais entidades responsáveis pela fundação da nova Central, levando e somando suas experiências nesse novo instrumento de luta. Por fim, o nome foi escolhido em votação por 2/3 dos delegados.

Outros setores representados principalmente pela Intersindical e pelos movimentos populares, apresentaram o nome de Central Classista dos Trabalhadores (Cenclat), pois acreditavam que esse nome representava melhor todas as entidades presentes no processo de reorganização da classe trabalhadora, sem levar em conta a importância de determinados seto-

res e experiências políticas.

Após a votação que definiu o nome da Central, muitos delegados da Intersindical e de movimentos como Unidos para Lutar e Movimento Avançando Sindical (MAS) deixaram o plenário espontaneamente, inviabilizando a sua continuidade. A Intersindical, então, organizou uma plenária com os delegados que ainda estavam no local, formando uma comissão que irá conversar com os outros setores para viabilizar a nova Central.

Após as inúmeras polêmicas, os trabalhos da plenária final foram reiniciados, sem a presença dos delegados da Intersindical e dos demais setores que também saíram do plenário. Os delegados presentes elegeram uma direção provisória com 21 nomes para funcionar até a próxima reunião, daqui a dois meses, onde ocorrerá uma definição mais clara de quais setores, de fato, comporão a Conlutas-Intersindical Central Sindical e Popular.

PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL

Outro ponto polêmico foi em relação à participação estudantil na coordenação da nova Central. Parte do plenário, principalmente da Conlutas, acredita que o movimento estudantil e os movimentos de luta contra opressões (mulheres, negros(as), LGBTQTT) deveriam estar representados na coordenação nacional, pois, na atual conjuntura, grande parte dos estudantes também são trabalhadores. Dessa forma, a nova Central deve encampar as suas lutas.

Por outro lado, o setor



Militantes comemoram a fundação da nova central sindical

ligado principalmente à Intersindical, acredita que assim como os movimentos de luta contra as opressões, os estudantes têm suas próprias formas de organização e tais diferenças devem ser respeitadas.

Durante a plenária final, foi decidido que tanto o movimento estudantil, quanto os movimentos de combate às opressões, terão direito a 5% dos cargos da coordenação nacional da entidade.

DELEGAÇÕES INTERNACIONAIS

Estavam presentes ao Conclat centenas de representantes internacionais, como Didier Dominique, do Haiti, e Sotires Martalis, da Grécia. Didier é um dos grandes líderes da resistência haitiana contra a intervenção das tropas da ONU no país. Sotires é um dos grandes expoentes da luta contra as mudanças feitas a favor dos bancos e das grandes empresas após o estouro da crise na Grécia, em abril desse ano. A participação desses, e de todos os outros representantes, vêm reafirmar a importância da luta internacional dos trabalhadores.

PROGRAMA E PLANO DE LUTAS

Por um acordo da Conlutas e Intersindical, o Conclat passou a maior parte do tempo voltado para a estrutura organizativa da Central, ao invés de debater e aprofundar o Programa de ação e o Plano de Lutas, base da unificação para organizar a classe trabalhadora frente aos ataques do capital e do governo que vem destruindo direitos dos trabalhadores.

Algumas das aprovações mais importantes foram sobre a luta contra o veto do Presidente Lula ao fator previdenciário, o apoio à luta dos movimentos grevistas das universidades estaduais, o judiciário em curso e o apoio à luta dos trabalhadores na Grécia e das greves gerais ocorridas no mundo.

Da PUC-SP estiveram presentes duas diretoras da APROPUC como observadoras, estudantes do Movimento Pão e Rosas, Anel, Barricadas Abrem Caminhos e o Jornal *PUCviva*. Para saber mais sobre o Conclat visite o site www.apropucsp.org.br.

Reitor corta salário de trabalhadores em greve e Reitoria da USP é ocupada

No dia 8/6, os funcionários da USP ocuparam a sede da Reitoria da universidade, devido ao corte de 16 dias do pagamento salarial de cerca de mil funcionários da prefeitura da USP e da Coordenadoria de Assistência Social (Coseas). Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sinstusp), o corte é perseguição ao movimento de greve, iniciado em 5/5.

Os trabalhadores da USP estão em greve devido à quebra da isonomia salarial entre professores e funcionários. A Reitoria, sob argumento de recomposição salarial para reestruturação da carreira docente, concedeu reajuste de 6% apenas para os professores. Para o sindicato, a autonomia universitária, conquistada desde o final dos anos 80 foi rompida.

No momento do fechamento desta edição, os campi de Ribeirão Preto, São Carlos, Piracicaba e Bauru também haviam aderido à paralisação.

Em nota, os trabalhadores da USP atacaram a política do reitor da USP, Grandino Rodas: "Mesmo com o parecer jurídico do Prof. Jorge Luiz Souto Maior, que fala da ilegalidade da ação de Rodas, além das moções aprovadas nas Congregações, contrárias ao ataque do Reitor contra os trabalhadores, o absurdo desconto manteve-se. Na verdade essa atitude é uma privação ao direito elementar de sustento de centenas de famílias.

Rodas e os demais reitores do Cruesp já demonstraram inúmeras vezes que desprezam os trabalhado-

res. A primeira delas foi a quebra da isonomia, tentando nos desqualificar. Agora, após o corte dos nossos salários, um verdadeiro roubo, fecharam negociação com o Fórum das Seis en-

quanto os reitores da Unesp e Unicamp foram viajar para o exterior em plena campanha salarial e Rodas faz palanque para o seu 'padrinho' Serra!!!", diz o texto do sindicato.

O apoio da APROPUC

A Associação dos Professores da PUC-SP – APROPUC – declara o seu apoio aos trabalhadores da Universidade de São Paulo, que desde terça-feira, 8/6, estão ocupando a Reitoria da universidade, por causa do corte no ponto dos grevistas. Essa decisão da Reitoria da Universidade de São Paulo, representada pelo reitor imposto pelo governo tucano João Grandino Rodas. Mais de mil trabalhadores não receberam os seus salários, em especial na Coseas e na PCO. Defendemos o direito de greve

como forma de reivindicação e mobilização, conforme a legislação prevê. No entanto, a Reitoria tenta desmobilizar na base da ameaça e truculência. Lembremos que esse mesmo reitor já usou a Polícia Militar anteriormente para desmobilizar a comunidade universitária. A APROPUC defende o pagamento dos salários cortados e o cumprimento de toda a pauta reivindicada dos trabalhadores em greve na USP.

Diretoria da APROPUC

Via Campesina ocupa sede do INCRA em BH

No dia 7/6, cerca de 300 militantes ligados a Via Campesina ocuparam a sede da Superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em Belo Horizonte, Minas Gerais. A ocupação conta com participantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) e MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens).

As principais reivindicações do MST são a agilidade na Reforma Agrária, no assentamento para famílias acampadas e assistência téc-

nica para as famílias já assentadas. O Movimento dos Pequenos Agricultores reivindica assentamento para camponeses sem terra ou com pouca terra.

O Movimento dos Atingidos por Barragens, por sua vez, pede a vistoria de terras para assentamento dos atingidos do Leste e da Zona da Mata Mineira.

APOIO DA APROPUC

A Associação dos Professores da PUC-SP também manifestou o seu apoio ao movimento e a luta dos trabalhadores sem terra.

Professores da UNICASTELO mantém greve

No dia 10/6, reunidos em assembleia, os professores da UNICASTELO mantiveram a greve que começou no dia 12/5. A categoria deliberou a realização de outra assembleia para reabertura da negociação com a Reitoria e representação sindical dos professores.

Além disso, os professores também pretendem realizar uma reunião de representantes dos professores com o juiz Roberto Santoro Fachinni, que cuida do processo da universidade.

No fechamento desta edição, o **PUCViva** apurou que a Reitoria conseguiu o

desbloqueio das contas da universidade, o que possibilitaria o pagamento dos professores.

No dia 8/6, dois representantes dos professores da Unicastelo se reuniram com o Juiz Federal Roberto Santoro Fachinni, para esclarecer dúvidas sobre o processo que bloqueou as contas da CTCE, mantenedora da universidade. O bloqueio das contas inviabilizou o pagamento dos salários dos professores, que decidiram entrar em greve. Na ocasião, o juiz afirmou que o desbloqueio dependia exclusivamente da universidade.

ROLA NA RAMPA

Consad aceita pedido de Audiência Pública

Durante reunião do Consad (Conselho Superior de Administração), no dia 10/6, os conselheiros aceitaram o pedido formulado pelos centros acadêmicos para a realização de Audiência Pública no segundo semestre.

O Secretário Executivo da Fundação São Paulo, padre Rodolpho Perazzollo, afirmou que "independente do formato, desde já me coloco à disposição para participar da audiência". Os Centros Acadêmicos entendem que diante das mudanças de caráter da PUC-SP, oriunda principalmente do ano de 2006, é muito importante que a audiência pública com os membros efe-

tivos do Consad seja de fato realizada. Assim os estudantes poderão colocar suas demandas de forma coletiva, apontando para saídas benéficas para a comunidade da PUC-SP.

A reforma curricular do curso de Serviço Social foi adiada mais uma vez. Agora o projeto irá voltar para o departamento, que deverá responder com propostas para contenção de gastos, já que o curso é deficitário. A orientação geral é que todas as reformas de cursos deficitários sejam devolvidas para seus cursos, para que sejam refeitas diminuindo gastos.

A pro-reitora de graduação, Marina Feldmann, explicou que durante a gestão da professora Maura Verás foi dada

uma orientação errada de que a hora aula era de 50 minutos, quando o MEC estabelece que seja uma hora.

Assim muitos cursos na PUC-SP tiveram que readequar suas grades para ter o mínimo de horas exigidas pelo Ministério. No caso de Serviço Social foi incluída uma matéria de três créditos, conforme explicou a coordenadora do curso, professora Isaura Isoldi.

Durante a reunião foi aprovado também o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional). O secretário executivo, padre João Júlio, sugeriu mais cortes nos investimentos. A previsão do PDI é de que no período de 2011 a 2015 serão investidos R\$183 milhões. A alteração

proposta por João Júlio prevê investimentos de R\$60 milhões. O plano tramitará no Consun (Conselho Universitário), onde poderá ser aprovado.

Também foi pauta da reunião as eleições para as coordenadorias acadêmicas. Os conselheiros chegaram a comentar que não cabe ao Consad decidir sobre os futuros coordenadores, porém o padre Rodolpho leu o seu parecer contrário à escolha da coordenadoria da Central Geral de Estágios (CGE). O Consad decidiu encaminhar a sua manifestação para que o Consun tome a decisão, de acordo com o regimento da universidade.

Negociação do Acordo Interno ainda sem data

Conforme noticiamos em nossa edição de 31/5, a APROPUC procurou o reitor Dirceu de Mello para que fossem retomadas as negociações sobre a renovação do Acordo Interno de Trabalho, interrompidas desde fevereiro deste ano, quando a Fundação São Paulo e a Reitoria, suspenderam a validade do mesmo e colocaram como única alternativa para os professores a Convenção Coletiva do Sinpro-SP (que foi renovada há duas semanas no acordo coletivo dos docentes). Em reunião com o reitor, a APROPUC ouviu a promessa de que o professor Dirceu de Mello levaria o pleito dos professores no sentido de renovação integral do

acordo à Fundação São Paulo e que uma nova reunião entre as três partes seria agendada o mais rápido possível. Porém até o fechamento desta edição, a APROPUC não recebeu nenhuma comunicação sobre esse novo encontro. A Fundação e a Reitoria concordaram com a extensão de algumas cláusulas como o auxílio-doença e o auxílio-escola, que estão contempladas de maneira diferente na Convenção Coletiva. No entanto, é fundamental que o texto do acordo interno de trabalho, que vigorou até 2010, seja mantido em função dos avanços sociais e trabalhistas que ele mantém sobre a convenção do Sinpro-SP.

Programação esportiva na TV PUC

O esporte marca a programação da TV PUC na semana em que se inicia a Copa do Mundo, na África do Sul. Além da série inédita *Unesporte*, que aborda criticamente temas esportivos, do corpo e

da motricidade humana, a série Comunicantes (que apresenta a produção audiovisual dos alunos de comunicação da PUC-SP) traz um documentário sobre a Copa de 1950, realizada no Brasil.

Professor Ronca eleito presidente do CNE

Antonio Carlos Ronca, ex-reitor da PUC-SP, foi nomeado por unanimidade como o novo presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE). O CNE tem como função formular e avaliar a política nacional de educa-

ção, zelar pela qualidade do ensino, velar pelo cumprimento da legislação e assegurar a participação da sociedade no aprimoramento da educação brasileira. O mandato de Ronca será de dois anos.

21º Encontro de ex-alunos

O Centro de Ex-Alunos da PUC-SP promove o 21º Encontro de Ex-alunos, que acontecerá em agosto, no TUCA. Este ano o evento comemorará os 64 anos de PUC-SP e para isso serão realizadas reuniões preparatórias nos dias 16/6 e 14/7,

às 19h30, na sala T-37 do Prédio Sede do campus Monte Alegre. O evento homenageia as turmas que completam 30, 25, 20, 15, dez e cinco anos de formatura (80, 85, 90, 95, 00 e 05), porém ele será aberto à participação de todas as turmas.

Ex-aluno morre no Amazonas

O ex-estudante de direito, Pedro Yamaguchi Ferreira, faleceu no último 1/6, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Pedro foi mergulhar no Rio Negro, e acabou sendo arastado por uma forte correnteza, sendo encontrado morto somente no dia 3/6, a 40 km da cidade de São Gabriel. O rapaz estava em São Gabriel, pois decidiu ajudar como advogado

e como cidadão, os povos mais esquecidos e abandonados deste país. O senador Eduardo Suplicy, do PT (Partido dos Trabalhadores), fez um discurso em sua homenagem e afirmou que Pedro "era um jovem alegre, desprendido, com altos valores morais e éticos. Colocava em prática o que aprendera com seus pais, sacerdotes e bispos, e com seus amigos".